

PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE INFANTIL: mídia alternativa e Educação Ambiental

Krischna Silveira Duarte *

Introdução

Apresentamos neste trabalho a análise de dados produzidos com um grupo de nove crianças, de oito a dez anos de idade, da rede estadual de ensino fundamental da cidade de Pelotas-RS/Brasil, no qual exploramos a influência negativa dos meios de comunicação de massa sobre a subjetividade infantil. Problematicamos a influência midiática a partir do prisma da Educação Ambiental, analisando as consequências desta manipulação no ambiente e o papel do ser humano frente a esta realidade. Propomos a utilização da mídia alternativa como elemento capaz de inaugurar espaços de singularização das subjetividades, que vão de encontro aos processos de serialização da cultura, dos desejos, dos modos de ser e agir instituídos, no sentido da criação do novo, do resgate da originalidade. Este novo, por sua vez, atua como potência transformadora do ambiente. O principal objetivo do trabalho é estimular as crianças a desenvolverem o senso crítico em relação às imposições midiáticas e a apropriarem-se da ferramenta audiovisual, de forma que possam tomar posse de seu direito à comunicação e que exerçam sua cidadania neste processo. Estas ações educativas e coletivas de mudança social desenvolvidas pelo grupo caracterizam o método da Pesquisa-Ação-Participante (Barbier, 2006 e Brandão, 2009), adotado neste estudo de natureza qualitativa. O perfil do grupo pesquisador justifica-se no fato de que crianças na faixa etária compreendida entre os oito e os onze anos de idade, estão na fase do desenvolvimento infantil que corresponde ao Período Operacional Concreto¹, ou seja, o sistema cognitivo transcende o pensamento pré-lógico, o que permite encontrar soluções lógicas para os problemas concretos (Piaget, 1976). É neste período também, que surgem os sentimentos morais e sociais de cooperação. O reconhecimento da necessidade do estudo sobre a relação das crianças com a mídia é decorrente da intensa trama cultural audiovisual que experienciamos na contemporaneidade e que submete a constituição da subjetividade infantil à lógica capitalista.

Produção de subjetividade na TV

Muitos autores (Bourdieu, Bucci, Guattari, Levy, Thompson, etc.) consideram que a manipulação midiática é uma enorme fonte de poder em nossa sociedade, pois é capaz de difundir uma interpretação fabricada da realidade. Para Bourdieu,

* Jornalista e Mestre em Educação Ambiental. Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Pelotas. E-mail: Krischna.duarte@gmail.com

esta faculdade é o *poder simbólico*, uma espécie de poder “quase mágico”, capaz de produzir efeitos reais sem dispêndio aparente de energia.

O poder simbólico como poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo, portanto o mundo; poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário (Bourdieu, 2000, p. 14).

Neste contexto a mídia, sobretudo a televisão, é presença marcante nas relações familiares e parte significativa da vida política e cultural do País. Está em 98% dos lares²; até mesmo naqueles em que não há geladeira! A TV uniformiza e, portanto, despersonaliza o homem moderno, na medida em que dissemina valores e ideais de vida inalcançáveis pela maioria dos indivíduos. Todavia no espaço/tempo da TV, tais comportamentos são a regra, o que incita o telespectador – que possui uma relação muito próxima com o meio - a reproduzir o mesmo padrão. A TV naturaliza o instituído, acomodando as subjetividades. Nós, ignorantes da arbitrariedade da televisão como aponta Bourdieu, tornamo-nos sujeitos passivos da produção de subjetividade e pensamos equivocadamente, que nossas interpretações daquilo que experienciamos são absolutamente próprias, individuais, fruto apenas da nossa subjetividade.

O espaço público no Brasil começa e termina nos limites postos pela televisão. Ele se estende de trás para adiante: começa lá onde chegam a luz dos holofotes e as objetivas das câmeras; depois prossegue, assim de marcha à ré, passa por nós e nos ultrapassa, terminando às nossas costas, onde se desmancha a luminescência que sai dos televisores. O resto é escuridão (Bucci, 2005, p. 11).

Este fenômeno ocorre de forma sutil: Ao sermos expostos diariamente aos modos de ser glamourizados da televisão, acabamos por identificar-nos com determinados personagens reais ou imaginários. O processo de naturalização do instituído torna as características destes personagens um modo de ser ideal, que neste contexto, inevitavelmente será reproduzido. Daí deriva a capacidade de alienação e violência simbólica que a TV possui: cria uma imagem daquilo que seria a sociedade brasileira, uniformizando, criando a falsa ideia de um País unido, para brutalmente, esconder a desigualdade social estabelecida.

O enorme poder concentrado na TV brasileira lhe foi delegado pelo atraso, o mesmo atraso que favoreceu e favorece latifundiários, as empreiteiras, os banqueiros. Entre todos, os donos das emissoras e principalmente das redes são os mais poderosos. A TV é um desequilíbrio a mais num país de desequilíbrios (desequilíbrios que ela, por sinal, esconde) (Bucci, 2005, p. 35).

Esta manipulação midiática é uma enorme fonte de poder em nossa sociedade, pois é capaz de difundir uma interpretação fabricada da realidade, de onde se reafirma uma ação alienada sobre o mundo. A disseminação desta falsa compreensão do real objetiva o acobertamento das contradições do sistema capitalista instituído, que alienando os sujeitos, garante sua exploração. Desta

forma, produz-se subjetividade e instigam-se desejos que atingem o inconsciente dos sujeitos, moldando comportamentos e fazendo com que os próprios sujeitos tornem-se reprodutores destes discursos. Por meio desta produção de subjetividade, o sistema capitalista molda as relações ambientais, fazendo com que os sujeitos assumam papéis inerentes às regras deste sistema. Assim, na busca pela individualidade – que a própria mídia promove -, os sujeitos reproduzem modos de ser e consomem objetos que lhes conferem destaque dos demais, contribuindo assim com a imposição capitalista que a mídia dissimula: manter o domínio de bens privados, ostentar mais poder do que o outro, manter a hierarquia, e assim por diante. À medida que esta lógica se estabelece, o possuir tende a regulamentar as regras do convívio social infantil. Ao consumir determinado produto, a criança configura-se como consumidor, distanciando-se ao mesmo tempo, dos não consumidores. O pertencimento ao grupo está sujeito a ser igual, e ser igual pressupõe possuir os mesmos objetos. O que antes estava atribuído às habilidades de cada um, por exemplo, hoje se resume aos artigos de marca que a criança ostenta, além da adequação de sua imagem aos padrões estabelecidos pela mídia.

O eu e o outro são construídos a partir de um jogo de identificações e de imitações padrão que levam a grupos primários voltados para o pai, o chefe, a *star* de mídia. É, com efeito, no sentido dessa psicologia de massas maleáveis que trabalha a grande mídia (Guattari, 2008, p. 45).

A constituição da identidade infantil sofre, portanto, a poda da uniformização midiática desde muito cedo. Esta lógica obedece à seguinte equação: quanto mais precoces forem as crianças, mais cedo se tornarão consumidoras. Quanto mais buscarem estar de acordo com os padrões sociais, mais consumirão objetos que simbolizem estes padrões. Deste modo é possível pensar que a produção de elementos audiovisuais alternativos e a análise de seu produto como processo educativo, podem estimular novas maneiras de compreender e atuar no ambiente. A livre expressão dos sonhos, dos desejos e das expectativas dos sujeitos, pode instigar modos de ser comprometidos com o bem estar, com a qualidade de vida das populações, com a sustentabilidade ambiental, enfim, com a saúde.

O audiovisual na educação: alternativas às subjetividades forjadas

A apropriação da mídia alternativa pelos sujeitos pode ser entendida como uma ação no sentido inverso, que toma posse do que “poderiam ser os dispositivos de produção de subjetividade, indo no sentido de uma re-singularização individual e/ou coletiva, ao invés de ir no sentido de uma usinagem pela mídia, sinônimo de desolação e desespero” (Guattari, 2008, p. 15).

É nesta esfera que nossa investigação propôs-se a trabalhar: Ressignificar as relações do indivíduo com o outro e consigo mesmo no ambiente, utilizando a mídia alternativa como suporte tecnológico que possibilite a sensibilização, a reflexão, a criação do novo. Desenvolver ações no sentido de resgatar as singularidades e promover a expressão original, autônoma, criando pequenas rupturas no instituído, reinventando maneiras de transformar o ambiente. Deste processo emerge a contribuição da ferramenta audiovisual como elemento

capaz de sensibilizar e mobilizar o espectador por meio de narrativas que problematizem, desacomodem, estimulem a reflexão.

Trata-se, a cada vez, de se debruçar sobre o que poderiam ser os dispositivos de uma re-singularização individual e/ou coletiva, ao invés de ir no sentido de uma usinagem pela mídia, sinônimo de desolação e desespero (Guattari, 2008, p. 15).

Desenvolvemos nossa proposta a partir da oficina *Criando Ambientes Midiáticos Sustentáveis* e do programa de TV JORNALECO, produzido pelas crianças e veiculado no canal televisivo de Universidade federal do Rio Grande (FURG TV). A oficina tem por objetivo central promover o exercício do olhar crítico em relação às imposições midiáticas, traçando um paralelo entre a produção de subjetividade e os conflitos ambientais. Desta forma, buscamos soluções locais para estes conflitos nas esferas mental, social e ambiental da ecologia.

O programa JORNALECO trabalha em dois sentidos: é plataforma experimentativa para os aprendizados audiovisuais e disseminador dessas novas subjetividades que foram se constituindo ao longo de nossas ações. Neste sentido, O JORNALECO pode ser comparado a um território existencial³ particular a este grupo, pois o território é o espaço da subjetivação fechada nela mesma, que ocorre por meio da apropriação que estes sujeitos fazem dos instrumentos audiovisuais, conquistando o direito de exercer seus modos de comunicar, de enunciar suas ideias, seus valores, seus desejos e suas necessidades. Desta forma, o ato de comunicar torna-se um exercício de cidadania, pois o grupo torna-se sujeito de atividades de ação comunitária, em um processo educativo que agrega novos elementos à sua cultura. Estas pequenas intervenções, envolvendo pequenos grupos da sociedade podem ser entendidas como aquilo que Guattari conceituou como revolução molecular: o ato de aproveitar e constituir linhas de fuga capazes de mudar o infeliz estado das coisas enraizado em nossa sociedade. Assim, nossa proposta pode ser entendida como um *Klinamem* – vocábulo grego que significa desvio, invenção⁴, e que “alude à ideia democritiana de que la realidad esta constituida por “átomos que caen en el vacio según trayectorias rectas””. Cuando uno de ellos se “desvia” y entra en colisión con otro, en un mínimo de tiempo pensable, se crea una nueva unidad, inexistente hasta el momento, que constituye una “invención”. (Baremlitt, 2000, [s. p.]).

Portanto, podemos afirmar que tanto a oficina *Criando Ambientes Midiáticos Sustentáveis* quanto o programa JORNALECO, constituem-se nestes pequenos desvios na trajetória de um átomo, e que a matéria nova que surge desta colisão, são novas maneiras de produzir subjetividade, que problematizam, desacomodam, que permitem a construção conjunta de novos valores humanos, que incentivam a atuação dos sujeitos como agentes de transformação da crise ambiental vigente.

A estrutura da oficina foi desenvolvida de acordo com os mecanismos de percepção infantis, o que possibilitou trabalharmos de modo efetivo na construção de novas lógicas, distintas daquelas instituídas pelo sistema do capital e dissimuladas pela mídia. Para isso nossas ações foram organizadas de modo a favorecer a participação ativa das crianças em todas as etapas do processo,

permitindo assim que os conteúdos trabalhados fossem de fato internalizados por elas.

No nível moral, as concepções de bem e de mal serão abstrações das relações sociais efetivamente vividas. Por esta razão, uma educação moral que objetiva desenvolver a autonomia da criança não deve acreditar nos plenos poderes dos belos discursos, mas sim levar a criança a viver situações onde sua autonomia será fatalmente exigida (Piaget, 1994, p. 19).

Nesta perspectiva, entendemos que o programa JORNALECO se constitui como plataforma experimental, pois é nas atividades relativas à produção do programa que as crianças exercem a autonomia de forma cidadã. Na esfera mental, as crianças são levadas a refletir sobre as imposições midiáticas, a repensar seus comportamentos e a buscar soluções para os problemas ambientais. Na social, são instigados a exercer seu papel como cidadãos, agentes capazes de transformar a realidade disforme que se coloca para todos nós. Além disso, os afazeres da produção do programa exigiram do grupo dinâmicas mais harmônicas de relacionamento, instigando o respeito ao espaço do outro, à realização de atividades em grupo, à valorização das diferenças, etc.



Atividades da oficina

Quanto à esfera ambiental, podemos destacar a produção do JORNALECO como elemento capaz de plasmar nossas ações desenvolvidas nas distintas esferas da ecologia. Criar o JORNALECO permitiu às crianças traçar relações entre as esferas mental e social, o que derivou em ações em nível ambiental.

O melhor é a criação, a invenção de novos Universos de referência; o pior é a mass-midialização embrutecedora, à qual são condenadas hoje em dia milhares de indivíduos. As evoluções tecnológicas, conjugadas a experimentações sociais desses novos domínios, são talvez capazes de nos fazer sair do período opressivo atual e de nos fazer entrar em uma *era pós-mídia*, caracterizada por uma reapropriação e uma re-singularização da utilização da mídia. (Guattari, 1992, p. 15-16).

Juntos desenvolvemos atividades de autoanálise e análise da mídia televisiva, com o intuito de refletir sobre a influência midiática no espaço ambiental, social e

subjetivo da atuação dos sujeitos. Assim, queríamos provocar a reflexão, a autonomia e a criticidade dos educandos, de modo a promover maneiras mais sustentáveis – de justiça social, equilíbrio ambiental e liberdade mental – de existir no mundo e com o mundo. “O importante, não resta dúvida, é não pararmos satisfeitos ao nível das instituições, mas submetê-las à análise metodicamente rigorosa de nossa curiosidade epistemológica” (Freire, 2009, p. 45).

Metodologia e análise de dados

Escolhemos a análise qualitativa porque esta pesquisa “trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (Minayo, 1994, p. 22).

Ao analisar os dados da pesquisa, nosso objetivo foi buscar no discurso dos participantes, relatos que convergissem para as práticas e diálogos desenvolvidos no decorrer da oficina e que, de alguma forma, respondessem à questão de pesquisa elencada: “*É possível criar antídotos para a produção de subjetividades imposta pelos MCM por meio de produções audiovisuais alternativas, que estimulem maneiras sustentáveis de existência?*”. Para isto foi aplicado um questionário às crianças no início e ao final das atividades da oficina, de maneira a verificar possíveis mudanças na maneira com que o grupo percebe e se relaciona com a mídia e com o ambiente. As perguntas foram:

- 1- *O que você entende por ambiente?*
- 2- *Qual é seu papel nele?*
- 3- *Quais são os problemas ambientais que você conhece?*
- 4- *O que você pode fazer em relação a eles?*
- 5- *O que a televisão tem a ver com o ambiente?*

Em consonância com os objetivos do trabalho, - que busca a construção de valores que instiguem a ação transformadora no ambiente - a análise será conduzida por meio da abordagem indutiva, pois considera não apenas o conteúdo manifesto, mas também o significado latente dos dados através de um processo indutivo, que emerge da fala e da visão de mundo dos sujeitos. De acordo com Roque Moraes, este tipo de abordagem visa à compreensão dos fenômenos investigados e, ao contrário da análise dedutiva, que parte de uma teoria, a abordagem indutiva, também chamada de construtiva ou subjetiva, visa chegar a uma teoria a partir dos dados que constituem a pesquisa. “Sua finalidade não é generalizar ou testar hipóteses, mas construir uma compreensão dos fenômenos investigados” (Moraes, 1999, p. 15).

As respostas dos questionários evidenciam que após a oficina as crianças passaram a identificarem os processos de manipulação e serialização das subjetividades e alcançaram um nível de compreensão destes fenômenos que permite traçar paralelos entre a serialização midiática, o incentivo ao consumo e a degradação ambiental. Quanto a isto, destaca-se a reflexão que um dos participantes faz entre TV e ambiente:

"Tem a ver com o ambiente porque faz nós comprar as coisa e tirar uma parte do meio ambiente que vivemos".

Outra participante confirma esta ideia quando diz:

"Ela nos faz comprar coisas que destrói o meio ambiente".

Outro aspecto questionado na fala dos participantes é a passividade dos espectadores em relação às imposições midiáticas. A menina de dez anos diz o seguinte:

"Ela nos mostra o que não é verdade para nós deixamos tudo do jeito que tá"

O menino de oito, afirma:

(...) a teve fala com selebro das crianças e que fas elas fica muito tempo na teve..."

Estes relatos demonstram que a capacidade crítica-reflexiva dos participantes, sem dúvida foi estimulada. As respostas que em um primeiro momento mostravam-se ingênuas ao descrever a TV como elemento que auxilia no cuidado com o ambiente, que *"avisa quando tem algo errado com o solo"*, passaram a expressar a compreensão da força deste suporte como dispositivo capaz de moldar a percepção e a ação sobre o mundo. Assim, podemos afirmar que atividades de Educação Ambiental Não Formal que envolvam a apropriação dos dispositivos técnicos audiovisuais, o diálogo e a reflexão sobre este suporte, podem abrir espaços para a criação de novas linguagens que sirvam de antídotos para a uniformização midiática.

Quanto à percepção do ambiente e à forma de atuação de cada um neste, nota-se que compreensão das crianças adquiriu maior profundidade. As respostas tornaram-se mais complexas ao fundamentarem-se nas relações de causa e efeito, incluindo o ser humano como parte do tecido que compõe a teia da vida. Destaco a resposta que uma das participantes redigiu antes da oficina, quando questionada sobre quais eram os problemas ambientais dos quais ela tinha conhecimento:

"Poluição, corte de árvores".

Ao final de nossos encontros, quando questionada novamente sobre o mesmo tema, a menina responde:

"Eu conheço vários problemas um deles é que as pessoas jogam muitos lixos e prejudicam as enchentes".

A aproximação entre os problemas ambientais e o cotidiano dos participantes possibilitou articular estas atividades de Educação Ambiental Não-Formal sob a estratégia que prevê a compreensão do contexto global e a ação em âmbito local. Isto só foi possível porque o tema ambiente foi trazido para a realidade destas crianças através do exercício de (re) olhar, de treinar o olhar para perceber a realidade em uma escala mais abrangente. Através da lente da câmera, fomos aos poucos desvelando realidades que há muito estavam ali presentes, sem serem percebidas. Este novo olhar provocou, desacomodou, suscitou diálogos e promoveu intervenções.

A primeira edição do programa JORNALECO, gravado na escola durante a oficina, trabalhou a questão do lixo. O tema foi sugerido pelas próprias crianças, que ao lançarem este novo olhar para a escola, perceberam a quantidade de lixo que havia jogado pelo pátio, a falta de lixeiras de coleta seletiva e que as poucas lixeiras que havia não estavam devidamente identificadas. Questionaram também de onde surgiram as dezenas de bitucas de cigarro jogadas pelo chão, enquanto discutiam entre si sobre quem estaria fumando dentro da escola – o que para eles é errado. Resolveram então, fazer uma “faxina na escola”, catando o lixo que estava no chão, separando-o e organizando as lixeiras para que fosse implementada a coleta seletiva na escola. Tanto a faxina das crianças quanto a gravação do programa JORNALECO constituem-se em pequenas intervenções geradas a partir do simples exercício de trocar as lentes (pelas lentes da câmera, neste caso). Estas micro-intervenções emergem do reconhecimento que estas crianças fazem delas mesmas como sujeitos capazes de lançar hipóteses para lidar com os problemas ambientais, de questionar, de criar, de agir e de transformar o mundo. Esta mudança de percepção sobre a natureza e sobre a atuação deles como agentes sociais responsáveis pelo ambiente, fica clara na comparação dos dois relatos da mesma participante: O que você pode fazer em relação aos problemas ambientais que você conhece?

"não poluir o ambiente mas cuidar do ambiente".

E depois:

"Fazer uma reciclagem e convidar um grupo de pessoas para limpar as ruas da cidade".

Analisando estes relatos com a finalidade de compor uma breve mostra de resultados alcançados, podemos elencar a tomada de decisão, o reconhecimento da capacidade para a ação, a necessidade de transformação social e o compromisso com a vida, como principais indicativos da subjetividade deste grupo que se constituiu na oficina. As crianças se reconhecem como cidadãos capazes de transformar a realidade de opressão a qual estamos submetidos. Tornaram-se mais críticos, mais reflexivos. A postura passiva que apresentavam inicialmente cedeu lugar a uma atitude interventiva, capacitada para a ação. A compreensão do contexto sistêmico do ambiente possibilitou que eles traçassem planos objetivos para lidar com os conflitos ambientais locais. E foram além dos planos, eles de fato se organizaram para solucioná-los e agiram.

Esta tomada de consciência e de iniciativa mostram que houve também, no decorrer da oficina, uma melhoria na auto-estima destas crianças, que hoje percebem que suas vozes devem ser ouvidas e sentem-se capazes de se fazer ouvir. Neste sentido pode-se prever que o programa JORNALECO se constituirá como espaço interventivo, gerador de klinamens, através do qual estas crianças tornam-se porta-vozes de outras crianças, encorajando-as a tomar posse de sua cidadania também.

Ações como esta nos mostram que novas maneiras de existir no mundo e com o mundo são mais do que meras utopias quando se tornam concretizáveis através do esforço e da dedicação conjuntos.

NOTAS

¹Neste estágio do desenvolvimento as operações mentais da criança ainda se dão caso por caso, concreto por concreto. Apenas no estágio máximo do desenvolvimento infantil, a partir dos 11, 12 anos de idade, a lógica torna-se simbólica, permitindo a interpretação de conceitos abstratos.

² Dados do Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE). Disponível em www.ibope.com.br Acesso em 20 de maio de 2011.

³ Piaget descreve os processos da imitação em seis estágios que ocorrem durante o período sensório-motor, dos 0 aos 2 anos de idade.

⁴ De acordo com Guattari (1987:323), o território existencial é "relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio do qual um sujeito se sente "em casa".

⁵Disponível em www.fgbh.org.br/artigos/analiseeintervecaoinstitutional.htm. Acesso em 19 Mar. 2012. Site da Fundação Gregório Barenblitt – Instituto Félix Guattari. Fundação Gregório Barenblitt.

REFERÊNCIAS

BAREMBLITT, Gregório. Site da Fundação Gregório Barenblitt - Instituto Félix Guattari. Disponível em <http://fgbbh.org.br/glossario.htm>. Acesso em 19 de março de 2012.

BARBIER, R. *Pesquisa-ação*. Brasília: editora Liber Livro, 2006. (Coleção Pesquisa, 3).

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

BRANDÃO, C. R. (Org.). *Pesquisa Participante*. 8ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1999.

BUCCI, Eugênio. *Brasil em Tempo de TV*. São Paulo, SP: Boitempo, 2005.

FREIRE, PAULO. *Pedagogia da Autonomia*. 39ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

GUATTARI, Félix. *Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo*. São Paulo, EDUSP, 1987.

_____. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Editora 34 Ltda. Rio de Janeiro, 1992.

_____. *As Três Ecologias*. 19ª ed. Campinas, SP. Papyrus, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). *Pesquisa Social: teoria, método, criatividade*. Petrópolis: Vozes, 1994.

MORAES, Roque. *Análise de conteúdo*. *Revista Educação*, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

PIAGET, Jean. *Ensaio de Lógica Operatória*. 2ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1976.